

**CARTAS E POSTAIS COMO REFERÊNCIA EM PROBLEMAS NO LIVRO DE
ARITMÉTICA DE OTTO BÜCHLER**

**LETTERS AND POSTCARDS AS REFERENCES IN PROBLEMS IN THE BOOK
OF ARITHMETICS BY OTTO BÜCHLER**

CORREA, Rosa Lydia Teixeira
rosa.correa@pucpr.br
PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná

EISLER, Roberto João
eissler@ifsc.edu.br
IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

RESUMO O artigo tem como referência o manual escolar de Otto Büchler, “Arithmetica Pratica em quatro partes”. O livro, originalmente escrito em alemão, foi traduzido por Homero Dias Cardozo e publicado pela Editora Rotermund & Co de São Leopoldo e Cruz Alta, no Rio Grande do Sul. Circulou no Brasil entre os anos de 1915, primeira edição, até, pelo menos, 1932, na 6.^a edição da parte três. Analisamos dois problemas nele contidos, destacando o fato de que esse manual destina-se, sobretudo, à aritmética. Cartas e cartões postais são analisados para argumentar a finalidade pedagógica dos mesmos durante a Primeira Guerra Mundial onde foram impingidas práticas coercitivas a imigrantes alemães radicados no Brasil. Servem para ilustrar abordagens intuitivas sobre a compreensão de saberes matemáticos algébricos e aritméticos na escola primária.

Palavras-chave: Escola teuto-brasileira. Manual escolar. Problemas de álgebra e aritmética.

ABSTRACT This article is based on the school handbook "Arithmetic Practices in Four Parts" by Otto Büchler. The book, originally written in German, was translated by Homero Dias Cardozo and published by Editora Rotermund & Co of São Leopoldo and Cruz Alta, in Rio Grande do Sul. It was distributed in Brazil from 1915, the year of its first edition, until, at least, 1932, when the sixth edition of part three was published. We analyze two problems contained therein, highlighting the fact that this textbook was intended, above all, for arithmetic. Letters and postcards are analyzed to discuss the purpose of the problems faced during the First World War, when coercive practices were imposed on the German immigrants living in Brazil. They serve to illustrate intuitive approaches to the understanding of mathematical algebraic and arithmetic knowledge in elementary school.

Keywords: German-Brazilian school. School handbook. Algebra problems and arithmetic.

1 INTRODUÇÃO E ORIENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Neste trabalho analisamos o livro¹ escolar de Otto Büchler denominado “Arithmetica Pratica em quatro partes”. Originalmente escrito em alemão², foi traduzido por Homero Dias Cardozo e publicado pela Editora Rotermund & Co de São Leopoldo e Cruz Alta, no Rio Grande do Sul. Dele apreendemos um aspecto da Parte 4, 3.^a edição, do ano de 1918, destinado ao ensino primário. Foram encontrados vestígios de circulação do mesmo, além de no estado do Rio Grande do Sul, onde foi publicado, também em Santa Catarina e Paraná (EISSLER, 2017). Acha-se dividido em quatro partes (ou volumes), sendo as três primeiras destinadas aos alunos do curso primário e a Parte 4, onde se encontra um problema de álgebra que será objeto de análise neste artigo. Nele estão,

os cálculos comuns de formas mais difíceis, não necessários às escolas primárias. Contem matéria para escolas mais adiantadas, especialmente os cálculos necessários á vida comercial. Um apêndice traz o mais importante da álgebra e geometria (BÜCHLER, 1918a, p.III).

Sua primeira edição circulou no Brasil entre os anos de 1915 até, pelo menos, 1932, na 6.^a publicação da parte 3. A Parte 4 dessa coleção chegou à terceira edição em 1918 e não há registros de publicações posteriores, diferentemente das outras partes, que avançaram na década de 1930. Assim sendo, no idioma português, das edições mais recentes, conhece-se, da Parte 1, exemplares da 10.^a do ano de 1929; da Parte 2, exemplares da 12.^a de 1931; da Parte 3, a 6.^a edição de 1932; e da Parte 4, como dito anteriormente, a 3.^a edição de 1918. Sua circulação se deu no Brasil durante praticamente todo o período da Primeira Guerra Mundial e depois desta, no início dos anos de 1930, conforme se observa no Quadro 1.

¹ Doravante usaremos os termos livro e manual na mesma acepção.

² Otto Büchler escreveu sua obra, inicialmente, em seu idioma de origem: alemão, e ela tinha como título “Praktische Rechenschule in vier Heften für deutsche Schulen in Brasilien”, ou seja, Aritmética Prática em quatro partes para as Escolas Alemãs no Brasil.

Quadro 1: Edições do livro *Arithmetica Pratica* em quatro partes (Otto Büchler)

Volume	Edição	Ano
Parte I	3. ^a	1918
	5. ^a	1923
	10. ^a	1929
Parte II	3. ^a	1918
	5. ^a	1924
	12. ^a	1931
Parte III	3. ^a	1918
	5. ^a	1925
	6. ^a	1932
Parte IV	3. ^a	1918

Fonte: (EISSLER, 2017).

Segundo Kreutz (1994), em 1931, o “*Arithmetica Pratica* em quatro partes” teve mais de dez edições e já havia vendido 160.000 exemplares desde a sua primeira edição em 1915, sendo, possivelmente, a maior tiragem no gênero do período. Seu uso, ainda em 1930, revela um longo período de utilização dessa obra. Por isso, se o sucesso de um autor ou de uma obra pode ser medido pelo seu alcance, pode-se afirmar que Otto Büchler tenha sido um autor de sucesso. Na época de lançamento na década de 1910, Otto Büchler era professor de Didática no Seminário Evangélico de Professores de Santa Cruz (RS).

Com efeito, essa obra, bem como uma carta e um cartão postal estão sendo compreendidos neste trabalho como objeto cultural, o que, além de situá-los no tempo e espaço nos quais foram produzidos, requer lançar algumas indagações, quais sejam: Que conteúdos contêm e a quem se destinaram? Que relação haveria entre cartas e cartões e os problemas de álgebra e aritmética? Operamos com duas fontes, o livro e as correspondências, visando refletir sobre aspectos de conteúdos da obra desse autor e seus desdobramentos pedagógicos.

Assim, do ponto de vista teórico-metodológico, nosso caminho se faz pela via de abordagem da História Cultural (BURKE, 2005; CHARTIER, 1988; ORY, 2004) que nos permite situar essa obra de Büchler, não somente como um objeto cultural, mas também em decorrência de sua especificidade, como elemento da cultura material escolar (CERTEAU, 1994) considerando que foi escrito e editado para uso em escolas de educação primária. Integra, por assim dizer, a cultura escolar de

escolas alemãs entre o início e meados de século XX. Nessa compreensão também são entendidas as correspondências.

As possibilidades permitidas pela História Cultural ensejam abordar distintos objetos de estudo. Em se tratando da produção cultural sobre manuais didáticos, elas são muitas, a exemplo, sobre os usos, as finalidades, os saberes, sua relação com o mercado editorial, o potencial e abrangência de circulação, as pretensões formativas, os métodos de ensino e tantas outras³.

Choppin (2002) nos alerta para as compreensões corriqueiras que são feitas sobre os manuais escolares. De modo geral estudados apenas em sua serventia pedagógica. Além disso, diz ele,

O manual está, efetivamente, inscrito na realidade material, participa do universo cultural e sobressai-se, da mesma forma que a bandeira ou a moeda, na esfera do simbólico. Depositário de um conteúdo educativo, o manual tem, antes de mais nada, o papel de transmitir às jovens gerações os saberes, as habilidades (mesmo o "saber-ser") os quais, em uma dada área e a um dado momento, são julgados indispensáveis à sociedade para perpetuar-se. Mas, além desse conteúdo objetivo cujos programas oficiais constituem a trama, em numerosos países, o livro de classe veicula, de maneira mais ou menos sutil, mais ou menos implícita, um sistema de valores morais, religiosos, políticos, uma ideologia que conduz ao grupo social de que ele é a emanção: participa, assim, estreitamente do processo de socialização, de aculturação (até mesmo de doutrinação) da juventude. [...]. Enquanto objeto fabricado, difundido e "consumido", o manual está sujeito às limitações técnicas de sua época e participa de um sistema econômico cujas regras e usos, tanto no nível da produção como do consumo, influem necessariamente na sua concepção quanto na sua realização material (CHOPPIN, 2002, p.14).

O trecho de Choppin nos inspira na perspectiva de ampliação do olhar e de entendimento sobre os manuais escolares. Por isso, chamou-nos atenção o fato da existência de um problema de aritmética, assim como um de álgebra relativo aos Correios em um apêndice de livro de Aritmética (BÜCHLER, 1918a, p.47; BÜCHLER, 1918b, p.2). Büchler menciona no prefácio que o "mais importante da álgebra" estava reduzido a duas páginas, mas o autor justifica esse diminuto espaço destinado à álgebra:

Desisti de acrescentar a esta parte uma introdução ao estudo da álgebra, como desejavam diversos professores, que lecionam em estabelecimentos

³ Um exemplo nesse sentido pode ser obtido em Fracalanza, "O que sabemos sobre o livro Didático: catálogo analítico", Campinas: editora da Unicamp, 1989 (serviço de informação sobre o Livro Didático).

secundários, porque aquela já iria além do fim desta obra (BÜCHLER, 1918a, p.IV).

Permaneceu, portanto, nessas duas páginas, apenas problemas algébricos, em um total de 20. Entre esses vinte, está aquele que discutiremos neste texto. Em linhas escritas pelo próprio autor, ele ressalta que, nessa época, havia uma separação mais definida entre álgebra e a aritmética⁴ no ensino.

Em uma das tentativas de trazer elementos que diferenciem a álgebra da aritmética, Melo (2013, p.20) sugere que

[...] podemos ainda olhar para a aritmética como a parte da matemática em que se investigam as propriedades elementares dos números inteiros e racionais, e a álgebra como a parte da matemática em que se estudam as leis e os processos formais de operações com entidades abstratas.

E o ensino de matemática se iniciava pela aritmética, tanto que, havia, no final do século XIX e início do século XX, uma matéria denominada aritmética destinada ao curso primário, e essa matéria constava no programa de ensino das escolas públicas⁵ daquela época.

Para as Escolas Alemãs, no início do século XX, o programa de aritmética continha “realização por meio do concreto das relações dos números. Os números de 1 a 10. Adição e subtração com esses números. Estender para os números de 10 a 100. Adição e subtração com números de um dígito nos números de 10 a 100” (EISSLER, 2017, p.75).

Desse modo, respondemos a primeira indagação anteriormente indicada e, conseqüentemente, a segunda, uma vez que os saberes matemáticos postos nos programas decorreriam de conteúdos a serem aprendidos por alunos de escolas primárias alemãs. Vale dizer que no sudeste e sul do Brasil, tais escolas foram erigidas em número importante, considerando-se principalmente as condições adversas que esse grupo étnico encontrava no Brasil em relação às questões de

⁴ Contudo, essa Parte 4 traz, a partir da página 46, nesse referido Apêndice: I. Problemas de Álgebra (em 2 páginas); II. Geometria Prática (em 10 páginas); e ainda Raiz Quadrada (em 5 páginas); Cubo e Raiz Cúbica (em 5 páginas).

⁵ Os seguintes programas: o “Programma dos Collegios Elementares”, do ano de 1910, para o estado do Rio Grande do Sul; os programas de 1911 e 1920, para o estado de Santa Catarina; o programa de 1921, para o Paraná; os programas de 1894, 1905, 1911 e 1918, para São Paulo apresentam a aritmética como uma matéria a ser ministrada aos alunos do curso primário (EISSLER, 2017).

escolarização primária. Exemplo pode ser obtido em Souza (1998), Kreutz (2011), Wiederkehr (2014) e Renk (2001).

Tais conteúdos estiveram caracteristicamente articulados com a vida cotidiana dos pretensos aprendizes. Exemplo pode ser dado quando é tomado como referência o próprio corpo, quando se trata do uso dos dedos das mãos para desenvolver noções elementares sobre o contar, os números e suas representações.

Assim, seguindo a lógica de princípios do método intuitivo (VALDEMARIN, 2004, PINTO; VALENTE, 2016, CALKLINS, 1871) os conteúdos são cuidadosamente organizados, de próximo para o distante, ou seja, de coisas que fazem parte do dia a dia das crianças, daquilo que lhes faz sentido, para daí poderem avançar para ideias mais complexas, do concreto para o abstrato, quando, gradativamente, exercícios aritméticos de adição, vinculados às suas representações imagéticas, são correspondentemente grafados numericamente. Sobre isso é oportuno trazer dados obtidos em entrevistas por Wiederkehr (2014), de ex-alunos de escolas alemãs que funcionaram até 1938. Sobre o aprendizado de matemática diz a Sra. Edla:

No primeiro ano da escola, nós aprendíamos matemática contando nos próprios dedos; depois, nós usamos feijões ou sementes de milho; mas depois, não podia usar mais nada e tínhamos que saber a tabuada decorada e era até a tabuada de 25, não como é hoje até 10. Naquela época até 25. [...] (WIEDERKEHR, 2014, p.181).

Essa parece ser uma peculiaridade do manual, justamente a espécie de cuidado ascendente do elementar⁶ para o complexo, do próximo para o distante, com a presença de ilustrações em toda metade inicial do manual.

2 SOBRE CARTAS E CARTÕES EM TEMPOS DE PRIMEIRA GUERRA NO BRASIL

A Primeira Guerra, desencadeada no ano de 1914⁷ foi motivada por vários fatores, entre eles a divisão da Ásia e da África, ocorrida no final do século XIX, da

⁶ Para uma melhor compreensão histórica sobre a noção de saberes elementares consultar Valente (2015).

qual Alemanha e Itália ficaram fora e França e Inglaterra se beneficiaram da exploração de diversas colônias, ricas em matérias-primas e com um potencial mercado consumidor. Desse modo, o descontentamento de Itália e Alemanha por terem ficado fora desse processo pode ser entendido como uma das causas da Primeira Grande Guerra. Além disso, uma espécie de corrida bélica no sentido de autodefesa dos países e forte concorrência comercial entre eles também podem ser somadas àquele fator inicial.

Em consequência de ter deslocado suas relações diplomáticas da Inglaterra para os Estados Unidos, com o advento da República, o Brasil teve modesta participação na Primeira Guerra Mundial, por meio de apoio militar em combates aéreos e marítimos e com prestação de socorro em campo de batalha. A adesão se deu no governo do presidente Venceslau Brás, em outubro de 1917, quando o Brasil passa a combater a Tríplice Aliança formada pela Alemanha, Itália⁸ e império Austro-Húngaro, ao lado dos Estados Unidos.

É importante destacar que com a adesão do Brasil à Primeira Guerra, o país apressou-se em tomar medidas que impedissem a saída de imigrantes alemães do território nacional.

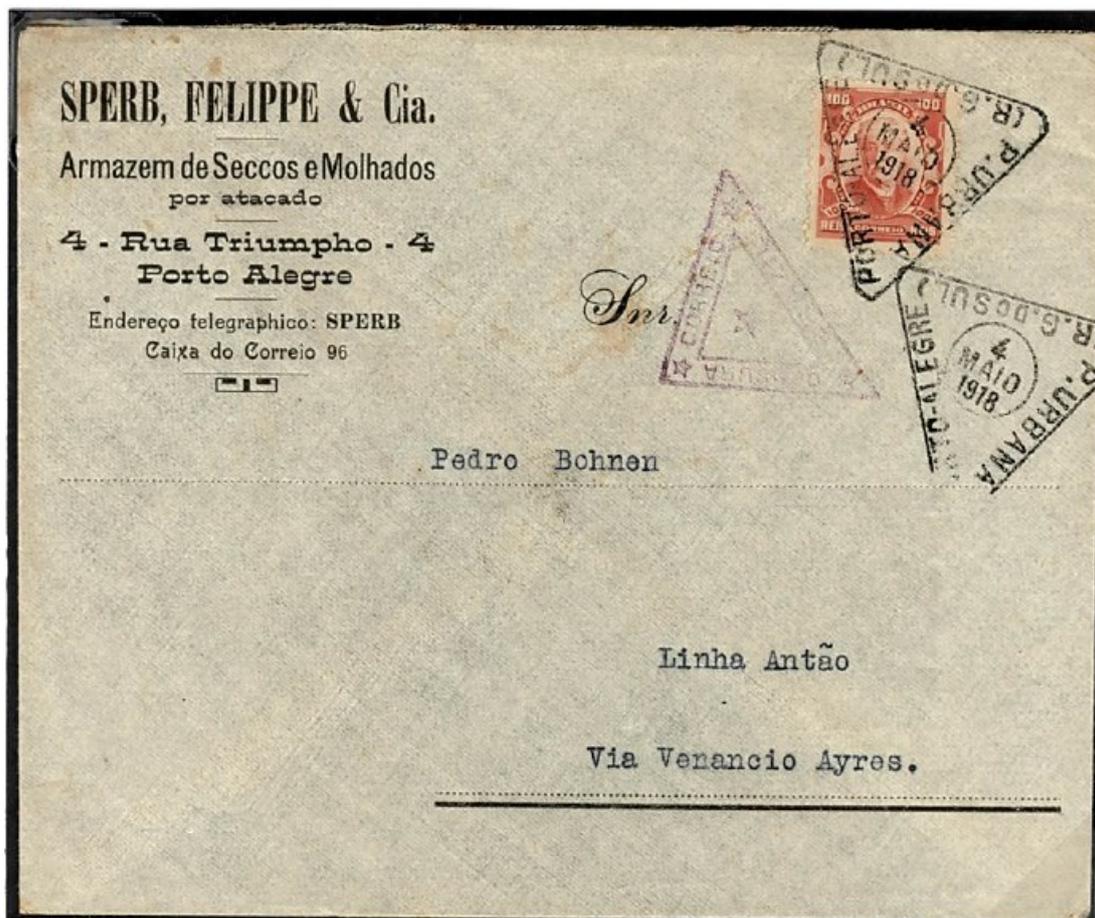
[...] aos alemães estabelecidos no país qualquer comércio e qualquer relação financeira com o exterior, põe termo aos contratos públicos que envolvam fornecedores alemães e proíbe aos alemães a obtenção de concessões de terra. Os bancos e as companhias de seguro alemãs são submetidos a uma fiscalização excepcional (COMPAGNON, 2014. p.146).

A propósito dessa proibição e controle feito sobre correspondência comercial de imigrantes alemães no Brasil à época da Primeira Guerra, está a seguir a ilustração de um envelope comercial de 1918.

⁷ A razão imediata do conflito foi o assassinato de Francisco Ferdinando, príncipe do império austro-húngaro, quando visitava Sarajevo (Bósnia-Herzegovina). O crime foi cometido pelo grupo Sérvio denominado de mão-negra, contrário à influência da Áustria-Hungria na região dos Balcãs. O império austro-húngaro por não concordar com as medidas tomadas pela Sérvia com relação ao crime e, no dia 28 de julho de 1914, declarou guerra à Servia. (Cfr. BURIGANA, 2014)

⁸ No ano seguinte a Itália deixa de fazer parte dessa aliança.

Figura 1: Envelope Comercial remetido em 1918



Fonte: Coleção particular do autor

Desse modo, temos um envelope comercial, figura 1, acima, remetido em 1918, ano da 3.^a edição do livro de Büchler em referência neste artigo. Esse envelope foi enviado de Porto Alegre em 4 de maio de 1918 para a Linha Antão⁹, tendo passado pela censura postal, verificada pela marca postal triangular com os dizeres “CENSURA CORREIO BRAZIL” tendo ao centro uma estrela. Segundo Meiffert (2012), essa obliteração, na cor roxa¹⁰, foi utilizada em vários períodos, a saber: 1917 a 1919 e 1925, tendo como local de censura a cidade de Porto Alegre, RS.

As pessoas precisavam se comunicar e, para aquelas que estavam distantes, a correspondência (enviada pelos Correios) era uma forma de aproximar as

⁹ No interior do estado do Rio Grande do Sul.

¹⁰ Essa obliteração também é encontrada na cor verde ou preta, tendo seu uso localizado nos períodos 1917 – 1919 e 1925 na cor verde e em 1925 – 1926 e 1930 – 1931, na cor preta.

peessoas, mas, devido à censura, também era preciso algum cuidado ao escrever, seja assuntos pessoais ou comerciais. Aliás, “entre as duas guerras mundiais existiam só poucos períodos isentos de censura [postal]” (MEIFFERT, 2012, p.25).

O autor se refere à chamada Lei de Guerra de 16 de novembro de 1917. Tudo indica que ela pode ter sido base para o controle brasileiro sobre a correspondência estrangeira, em especial a alemã. Wiederkehr, referindo aos alemães no Brasil e, em especial, àqueles residentes em Blumenau, destaca que

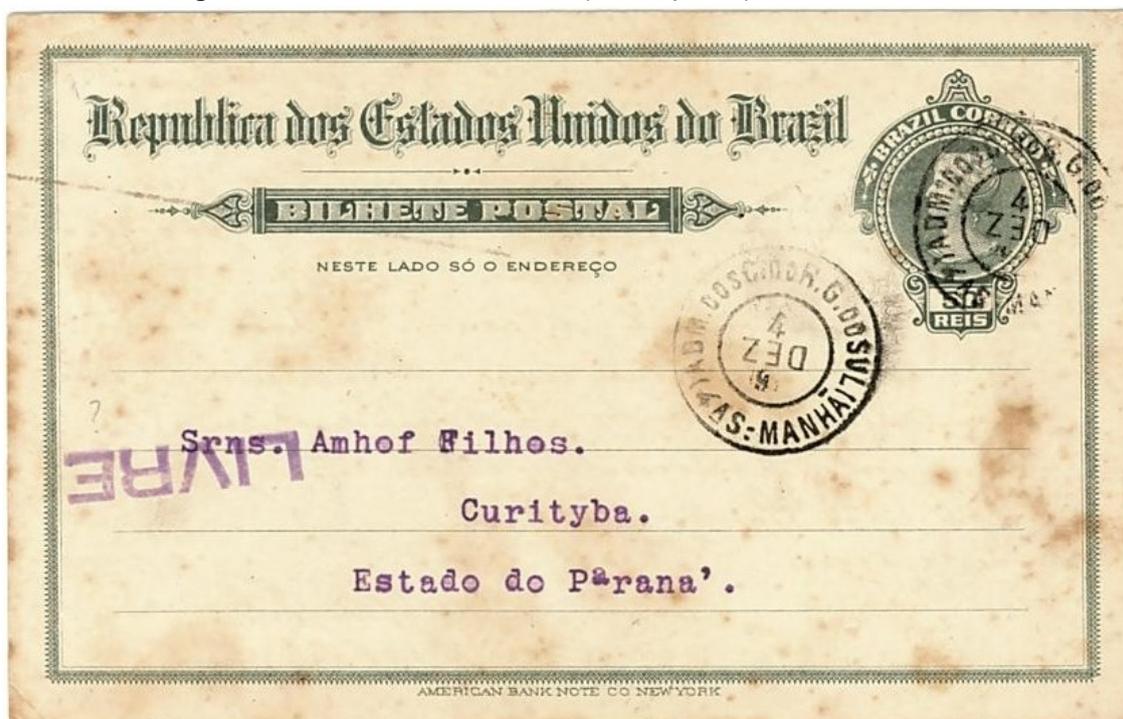
[...] os alemães e seus descendentes sofreram retaliações do governo brasileiro. Todos os jornais escritos em alemão, por exemplo, foram proibidos de circular, e o correio, proibido de entregar correspondências que não fossem dirigidas em português (WIEDERKEHR, 2014, p.83).

Considerando as limitações impostas pela Lei de Guerra, a censura em roxo certamente se deveu às referências comerciais contidas na parte superior à esquerda do envelope.

Aquele envelope foi enviado utilizando-se de um selo de 100 réis, pois essa era a tarifa em vigor de 01-01-1910 a 31-12-1920, período da elaboração daquele problema algébrico (1915). Um período de onze anos sem alteração do valor de franquia para as cartas de 1º porte enviadas dentro do território nacional.

Pode-se constatar que o bilhete postal, figura 2, também passou por censura postal, verificada pela obliteração “LIVRE”, na cor roxa. Esse carimbo é conhecido obliterando itens postais no período 1917 – 1918 e tem como local de censura o Rio de Janeiro (MEIFFERT, 2012). Isto indica o trajeto Porto Alegre – Rio de Janeiro – Curitiba percorrido pelo bilhete postal até chegar ao destinatário. Perfeitamente compreensível, considerando-se que o controle político ideológico era mais acentuado na então capital do país.

Figura 2: Frente de Bilhete Postal (cartão postal) remetido em 1918

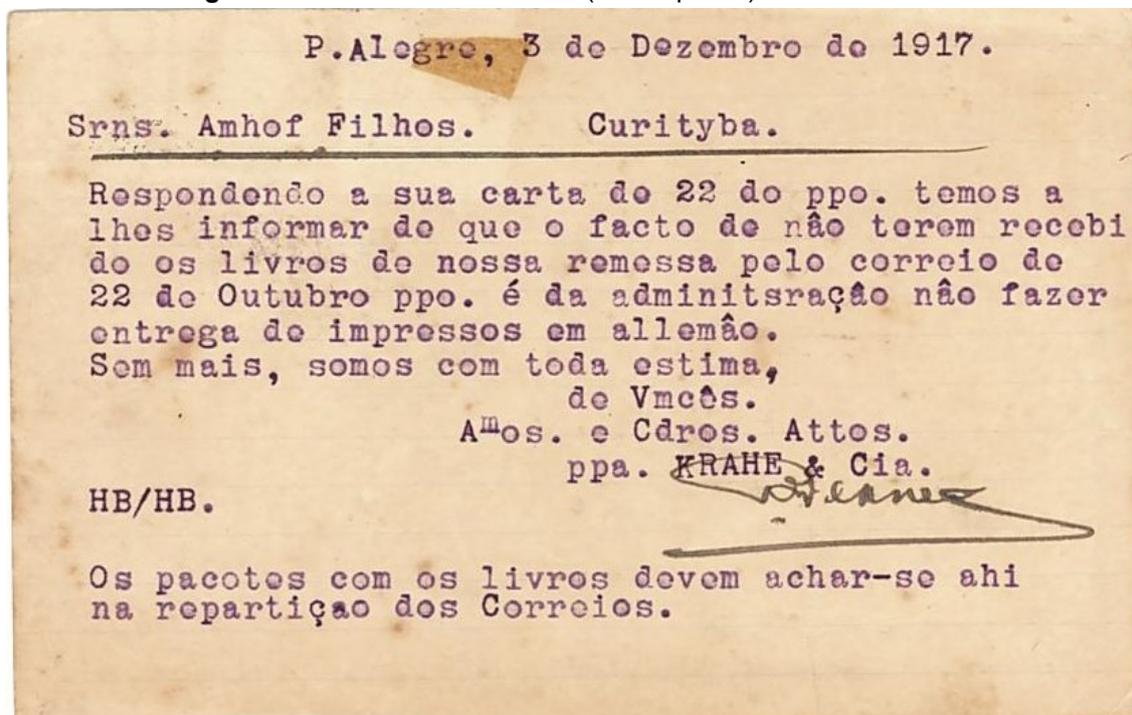


Fonte: Coleção particular do autor

O cartão postal ou bilhete postal apresentado tem valor de franquia de 50 réis, metade, portanto, do valor de remessa de uma carta simples. Foi enviado de Porto Alegre aos 4 dias de dezembro de 1918 para Curityba, com a indicação apenas da cidade, sem a necessidade do endereço completo do destinatário (rua e número), pois provavelmente seria ele conhecido na cidade.

Não se tem como precisar se esse trajeto era frequente para os itens postais saídos de Porto Alegre com destino a Curitiba, ou se algo escrito no verso, figura 3, chamou a atenção de algum censor. Tudo indica que sim, considerando a relação dar-se entre comerciante, Srs. Ahmof Filhos destinatário, e Krahe & Cia remetente. Entretanto, nada aparentemente comprometedor. A seguir, o conteúdo do verso do bilhete postal, figura 3.

Figura 3: Verso de Bilhete Postal (cartão postal) remetido em 1918



Fonte: Coleção particular do autor

No verso encontra-se a mensagem “[...] que o facto de não terem recebido os livros de nossa remessa pelo correio de 22 de outubro ppo. é da administração não fazer entrega de impressos em allemão”. Observa-se que os livros enviados sequer saíram do correio em Curitiba. O que evidencia controle e, ao mesmo tempo, cumprimento da Lei de Guerra em vigor, justamente por tratar-se aparentemente de uma relação comercial entre alemães e os livros serem escritos em língua alemã.

Sobre o cartão postal, não seria demais dizer que:

O cartão postal, concebido para ser apenas um meio de comunicação escrita, enviado em aberto e como menor tarifa postal, em poucos anos passou a ser um grande difusor de imagens (DALTOZO, 2006, p.25).

No caso do cartão aqui analisado, ele não apenas difunde imagens representativas do Brasil republicano, mas também indica constituir-se em um meio acessível para trocas também entre imigrantes, por isso mais exposto ao controle do Estado em tempos de Primeira Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que contém dados de referência sobre a vida cotidiana e, também, consubstancia prática usual entre pessoas. Este é um dado importante para este trabalho.

3 NOS PROBLEMAS: CARTAS E POSTAIS

Aquela carta (envelope) e o cartão postal (bilhete postal) são registros de sua época e apontam para a utilização da comunicação de maneira escrita, seja em cartas ou bilhetes, hábito comum que se reflete em exercício (ou problema) inserido em livro de aritmética destinado às crianças.

Entende-se como encomendas postais, no enunciado apresentado no problema, como todo e qualquer item enviado por Correio. No referido problema temos cartas e cartões postais. A carta é uma mensagem, manuscrita ou impressa, destinada a alguém para comunicar-lhe algo; quando remetida pelos Correios costuma ser acondicionada em um envelope.

O cartão-postal, bilhete-postal ou simplesmente postal, é uma simplificação da carta. Costuma ser um pequeno retângulo de papelão fino, tendo nas faces espaços destinados ao endereço do destinatário, postagem do selo ou franquia, mensagem do remetente e, às vezes, alguma figura.

Ao remetê-lo pelo Correio, o postal dispensa do uso do envelope, o que torna a correspondência mais fácil e mais barata. O valor do porte para remessa de postais foi inferior ao das cartas comuns durante muitos anos no Brasil e o era no período do lançamento do livro didático “Arithmetica Practica em quatro partes”, de Otto Büchler.

Por se tratar de problemas contidos em um livro escolar, ou didático, convém não perdermos de vista esse dado, meio no qual circula um tipo de informação desejada. Ele pode ter sido usado como referência básica para cumprir finalidades pedagógicas, considerando-se fazer parte do dia a dia daqueles imigrantes.

Assim, localizamos dois problemas, sendo um de álgebra e outro de aritmética, o primeiro em um apêndice da parte 4 e o segundo na parte 2 do livro de Büchler (1918a, 1918b). O primeiro deles contém o seguinte enunciado:

Um comerciante despachou 42 encomendas postaes entre cartas a 100 rs e cartões postaes a 50rs. Ao todo pagou 2\$850 de porte. Quantas cartas e quantos cartões postaes despachou? (BÜCHLER, 1918a, p.47).

Com efeito, nosso interesse se volta especificamente para o motivo, razão que ensejaria o referido problema: a quantidade de cartas e cartões postais. Que mensagem o autor desejaria passar?

A relação entre cartas e cartões e os problemas mantém, tudo leva a crer, estreita relação, articulação, e, por assim dizer, coerência com práticas, ações realizadas na vida diária entre imigrantes alemães, ainda que no bojo da Primeira Guerra. Essa relação serve à finalidade pedagógica de atribuir significado, sentido acerca do conhecimento escolar e os saberes dele ensejados para os alunos segundo orientações teórico/metodológicas intuitivas. Neste sentido, o despacho pelo Correio de cartas e postais e seus respectivos valores estariam vinculados às práticas cotidianas dos imigrantes e que conteriam um maior sentido a aprendizagem infantil. Desse modo, é oportuna a posição referida por Kreutz (2011, p. 302):

[...]. Nos primeiros anos da escola dava-se maior ênfase ao aprendizado da leitura, da escrita e do cálculo, juntamente com ensino da religião. A partir da terceira série, introduzia-se gradualmente o ensino das “coisas reais” (realia), isto é, o conhecimento prático necessário para a vida nas comunidades rurais. [...]. Também as reuniões de professores com aulas demonstrativas visavam a esse método, muito vinculado ao dia a dia, na real inserção na dinâmica da vida comunitária. A elaboração de mais de 170 livros escolares, preparados especificamente para as escolas de imigração, também retrata o objetivo de vincular a escola com a realidade e com os desafios concretos, estimulando o aluno a inserir-se ativamente em seu contexto social.

Abordagem semelhante pode ser realizada em relação ao segundo problema, desta feita, de aritmética, a seguir:

Beltrano despachou 3 vales postais: o primeiro importava em 130\$, o segundo em 170\$ e o terceiro em 125\$. Quanto **dinheiro despachou?** (BÜCHLER, 1918b, p.2, grifos nossos).

Destaque-se que o vale postal até fins do século XX era um modo de enviar dinheiro por Correio de uma pessoa à outra, de modo geral, para onde uma delas não possuía conta bancária, ou mesmo a localidade para a qual o dinheiro seria destinado, não havia agência bancária. No período republicano, práticas como essas eram usuais. O problema de aritmética, diferentemente do de álgebra, incide sobre uma operação financeira, algo também controlado durante a Primeira Guerra

Mundial. Apesar disso, a manutenção de trocas de correspondências entre aqueles imigrantes se manifesta como dado objetivo, parte do universo vivido pelo escolar, visando atribuir sentido aos conhecimentos que lhe são necessários aprender.

Dessa perspectiva, no Prólogo da terceira edição, Büchler dedica um parágrafo para fazer referência ao método intuitivo. Diz ele:

Com este livrinho fica encerrada a matéria que constitue o programma maioria de nossas escolas secundarias, espalhadas pelo estado. O que foi dito sobre as primeiras partes pode-se aplicar também a esta: Explanação fácil e intuitiva, elucidada por exemplos. O alumno que passar as quatro partes, saberá manejar perfeitamente os algarismos e terá para qualquer carreira que abrace, uma base solida sobre a qual poderá erigir o que mais necessitar da arithmetica (BÜCHLER, 1918a, p.IV).

Referimos esse ponto de vista ante o entendimento de que cartas e cartões poderiam estar, no referido problema, vinculados, sobretudo, à lógica de orientações do método intuitivo, especificamente referida à aritmética. Justamente pelo fato de fazerem parte da vida cotidiana dos sujeitos na sociedade moderna e constituírem parte de práticas usuais de pessoas destacadamente afeitas ao mundo da leitura e da escrita. Corresponderia, desse modo, ao principio intuitivo a ser considerado para a aprendizagem das crianças – o que elas conheciam, coisas integrantes de seu mundo vivido (VALDEMARIN, 2004, 1998; PINTO; VALENTE, 2016; CALKLINS, 1871).

Na parte quatro desse livro, ainda dimensionando a aritmética, o autor afirma:

Augmentei esta edição com capitulo sobre a “raiz cubica”. Fiz esforços para tratar a materia de maneira mais fácil e mais intuitiva possível, evitando prolixidade e dirigindo-me sem delongas ao meu intento. Durante minha pratica o methodo empregado nesta parte deu bons resultados, conduzindo os discípulos com facilidade à compreensão da matéria explanada e pericia nos cálculos (BÜCHLER, 1918a, p.III).

Observa-se também a pouca referência ao método, ainda que ele esteja presente, em sua lógica, em grande parte da obra, tanto no trecho do depoimento da Sra. Edla, como nas palavras de Kreutz. Particularmente, embora tenhamos tido acesso a apenas um depoimento, ele nos é precioso no sentido de testemunhar um modo de exercício do método intuitivo na escola primária. Ainda que os programas escolares contenham prescrições intuitivas, se torna importante saber se o mesmo foi de fato levado a cabo na escola primária. Trata-se de saber também que, no caso

dos dois problemas, tudo indica, foi possível tornar práticos saberes aritméticos e algébricos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do trabalho foi o de cruzar dados contidos em duas fontes, ou seja, o livro didático de Büchler e duas correspondências trocadas entre imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial. O “confronto”, entre elas, indicou para a finalidade pedagógica contida no livro didático por meio de usos de ações presentes no cotidiano dos alunos. Assim, nos possibilitaram reiterar aspectos de ordem prática contidos em saberes elementares a serem ensinados para crianças de escolas primárias alemãs.

Antes de pretender trazer aspectos inéditos, este trabalho resultou de reflexões metodológicas, do ponto de vista do trato com as fontes. Neste caso, fontes aparentemente díspares, mas que nos permitiram fazer uma espécie de exercício de visibilidade concreta sobre o uso do método intuitivo na escola primária.

ROSA LYDIA TEIXEIRA CORREA

Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Professora titular do Programa de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

ROBERTO JOÃO EISSLER

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor do Instituto Federal de Santa Catarina, IFSC, campus Jaraguá do Sul.

REFERÊNCIAS

BÜCHLER, O. *Arithmetica Pratica em quatro partes*. Traduzido por Homero Dias Cardozo. São Leopoldo e Cruz Alta: Editores Rotermond & Co., Parte 4, 3. ed. 1918a, 67 p.

_____. *Arithmetica Pratica em quatro partes*. Traduzido por Homero Dias Cardozo. São Leopoldo e Cruz Alta: Editores Rotermund & Co., Parte 2, 3. ed. 1918b, 53 p.

BURIGANA, R. A Grande Guerra: a Primeira Guerra Mundial (1914-2014), Evento e Memória. In: *História Unicap*, v. 1, n. 1, jan./jun. de 2014, p. 41-55.

BURKE, P. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 2005, 191 p.

CALKINS, N. A. A manual to accompany Jeffers' panoramic apparatus for teaching Reading, by object lesson exercises. Nova York, Jeffers. Beecher & Jeffers, 1871, 348 p.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 351 p.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988. (Memória e sociedade). 244 p.

CHOPPIN, A. O Historiador e o Livro Escolar. In: *História da Educação*. ASPHE/FaE, Pelotas, (11): 5:24, Abril, 2002.

COMPAGNON, O. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014, 300 p.

DALTOZO, J.C. *Cartão-Postal, Arte e Magia*. Presidente Prudente: Edição do Autor, 2006, 204 p.

EISSLER, R.J. *Aritmética na escola teuto-brasileira: o saber contar como princípio*. Tese (Doutorado em Educação). PUC-PR – Curitiba, 2017.

FRACALANZA, H. *O que sabemos sobre o livro didático: catálogo analítico/Universidade Estadual de Campinas*. Biblioteca Central. Serviço de informação sobre o livro didático. Campinas: Editora da UNICSMP, 1989. 234 p.

KREUTZ, L. *Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994, 190 p.

_____. Escolas étnicas de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. In: LUCHESE e KREUTZ (Org.). *Imigração e Educação no Brasil: histórias, práticas e processos*. Santa Maria, RS, Editora UFSM, 2011. p. 285-307.

MEIFFERT, J. *Katalog der Zensur- und Prüferstempel, Verschlusszettel und Zensur-Beanstandungszettel 1917 – 1972*. Lohmar: Arbeitsgemeinschaft Brasilien e.V. im BDPH e.V., 2012, 240 p.

Atos de Pesquisa em Educação - ISSN 1809-0354
Blumenau, v. 12, n.2, p.389-405, mai./ago. 2017
DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2017v12n2p389-405>

MELO, J. R. Da Aritmética a Gênese do Pensamento Algébrico em Diofanto. *Revista Elementos*, Rio Branco, v.3, n.3, p.17-25, 2013.

ORY, P. *L'Histoire Culturelle*. Press Universitaires de France, 2004. 127 p.

PINTO, N. B., VALENTE, V. R. *Saberes elementares matemáticos em circulação no Brasil: dos documentos oficiais às revistas pedagógicas 1890-1970*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016. 292, p.

RENK, V. *Educação dos imigrantes alemães católicos em Curitiba*. Curitiba: Editora Champagnat, 2001, 284 p.

SOUZA, R. F. de. *O direito à educação*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998. 202, p.

VALDEMARIN, V. *Estudando Lições de Coisas*. São Paulo: Autores Associados: Fapesp, 2004, 196 p.

VALENTE, V. R. *Elementar: cadernos de trabalho*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015, 50 p.

WIEDERKEHR, A.H. *A gênese da escola alemã no Brasil*. Florianópolis: Editora Insular, 2014, 214 p.